



A atriz do momento

Do começo em 'Malhação' ao protagonismo em 'Nobreza do Amor', Duda Santos driblou o racismo para se tornar a nova queridinha das novelas e se tornar uma das artistas mais requisitadas de sua geração. Página 2

'Quero que meninas parecidas comigo se vejam em qualquer lugar e sejam o que quiserem ser'

Aos 24 anos, Duda Santos está no seu terceiro papel de protagonismo em novelas da Globo

MATHEUS ROCHA
Folhapress

Maria Eduarda Santos Domingues estava com os nervos à flor da pele quando entrou nos Estúdios Globo, em Jacarepaguá. A sensação só aumentou após ela se ver cercada por atores oriundos das melhores escolas de teatro da cidade. "Já eu não tinha estudado teatro em lugar nenhum. O que eu estou fazendo aqui?"

Ela estava lá para disputar um papel em "Malhação" - a novela adolescente que foi por duas décadas a principal vitrine para os novos talentos da emissora. "Entrei para fazer o teste e pediram que eu escrevesse o meu nome artístico. Escolhi o primeiro que me veio à cabeça." Naquele teste, Maria Eduarda Santos Domingues se tornou Duda Santos, hoje um dos nomes mais requisitados da sua geração na TV.

A atriz de 24 anos está no ar atualmente em "A Nobreza do Amor", novela das 18h. Na trama, ela é Aliká, princesa de um reino africano que se vê obrigada a assumir uma nova identidade para fugir de Jendal, vilão interpretado por Lázaro Ramos. É a sua terceira protagonista em menos de três anos.

Em 2024, ela colheu elogios ao viver a Beatriz, de "Garota do Momento" - personagem que unia docilidade, coragem e determinação. O desempenho valeu a ela a indicação de melhor atriz no Seoul Drama Awards, premiação sul-coreana que reconhece as melhores produções da televisão mundial.

Quando foi convidada para protagonizar "Garota do Momen-



Com Humberto Carrão na primeira fase de 'Renascer': Maria Santa foi ponto de virada na carreira

Duda Santos em "Garota do Momento", trama ambientada no Rio dos anos 1950 que toca no preconceito racial da sociedade brasileira na época



to", quase recusou o papel. "Tinha medo de não dar conta de viver uma protagonista. Pensava que não podia estar naquele lugar e que outra pessoa deveria ter sido escolhida." O fascínio pelo roteiro, no entanto, falou mais alto do que as inseguranças. "A gente precisava contar aquela história. Durante muito tempo, nos negaram a possibilidade de sonhar. Mas o sonho também é nosso direito."

A personagem principal confrontava os preconceitos do Rio de Janeiro da década de 1950 ao se tornar garota-propaganda de uma das maiores fábricas de sabonete do Brasil. É uma história que subverte o passado de um país que durante anos excluiu a população negra da publicidade.

"As pessoas têm direito de ligar

Divulgação TV Globo

“Todo trabalho que eu faço tem um pouquinho de cada uma delas. As mulheres da minha família criaram meninas que são donas de si”

DUDA SANTOS

a televisão às 18h e tirar um pouco os pés da realidade. Acho que o mais importante de tudo é se ver na televisão e sentir que o presente é possível”, diz Santos. “Se essas novelas tivessem existido quando eu era pequena, teriam me poupado muitos anos de terapia.”

Na trama, porém, nem tudo era cor-de-rosa. A heroína se via diante de embates raciais, problema que Duda enfrentou também na realidade.

Nascida na Vila da Penha, a atriz estudou numa escola particular em que era uma das poucas alunas negras. “Houve momentos muito cruéis. Eu não era parte daquele espaço”, diz ela, acrescentando que era preterida pelos colegas. “Quando começou a época do primeiro beijo e dos namoricos, nem passava pela

cabeca das pessoas me escolher. Já o meu cabelo era considerado feio, então comecei a usar tranças ainda muito jovem.”

Além do racismo na escola, ela carregava outro fardo em casa. Diante do preconceito por sua mãe ter engravidado aos 17 anos, Duda diz ter transformado o estigma em motivação para desafiar as expectativas alheias. “Fui criada para ser a filha perfeita, mas entendo que essa era uma forma de a minha família me proteger.”

Aos 16 anos, começou a trabalhar como modelo fotográfica para complementar a renda dentro de casa, ofício que levou a jovem para a teledramaturgia.

Em 2019, produtores de elenco a chamaram após terem visto imagens suas em uma agência de

talentos. Na mensagem, eles a convidavam para participar de um teste para “Malhação”.

Sem experiência como atriz, ela ficou surpresa quando passou na seleção para viver a estudante Paula. A alegria, porém, não durou muito. Em razão da pandemia, “Malhação” foi cancelada de forma abrupta. “Achei que nunca mais ia conseguir realizar meus sonhos. Ali, eu perdi a esperança.”

Aproveitou o período de reclusão para aprimorar a técnica, antecipando-se a possíveis convites. Após fazer figuração em “Amor de Mãe”, uma nova chance apareceu em “Travessia”, de 2022, novela em que deu vida à Isa, adolescente que via a família desmoronar em razão da dependência digital do irmão caçula.

Depois, Duda encarnou a personagem que se tornou um divisor de águas em sua carreira. À época, ela participou do remake de “Renascer” na pele de Maria Santa, personagem que protagonizou a primeira fase do folhetim. Jovem meiga e ingênua, ela morreu após dar à luz seu filho com José Inocêncio, interpretado na primeira fase por Humberto Carrão.

Em meio à euforia de viver sua primeira protagonista, a artista se viu diante do medo de fracassar. “Um dia antes da estreia, eu falei ‘amanhã vão descobrir que eu não sou atriz e que enganei todo mundo.’ Aconteceu justamente o contrário. Sua interpretação foi considerado um dos pontos altos dos primeiros capítulos da trama.

Criada em um lar matriarcal, Duda diz que as figuras femininas de sua família servem de inspiração para construir personagens. “Todo trabalho que eu faço tem um pouquinho de cada uma delas. As mulheres da minha família criaram meninas que são donas de si.”

Liberdade e independência, aliás, são predicados de Aliká, a princesa de “A Nobreza do Amor”. Duda considera que tramas como oferecem um retrato multifacetado sobre as populações negras. “O audiovisual está mostrando que a gente ama, erra, vive vilões e mocinhos”, diz a artista. “Quero que meninas parecidas comigo se vejam em qualquer lugar e sejam o que quiserem ser”, afirma.

Privilégios e solidão

‘Edifício Vertigem’ traz duas mulheres em confronto existencial no corredor de um prédio

Uma madrugada no Rio. Fernanda, de touca na cabeça, roupão e luvas de plástico, encontra Raquel no corredor do prédio onde moram. Raquel volta da Lapa, bêbada. O encontro constrangedor se transforma em uma noite de confissões, acusações e tentativas, nem sempre bem-sucedidas, de dar sentido a escolhas de vida que já foram feitas. A partir deste embate constrói-se a narrativa de “Edifício Vertigem”, peça do dramaturgo gaúcho Pedro Gomes com direção de Lara Coutinho, em cartaz no Espaço Rogério Cardoso da Casa de Cultura Laura Alvim.

O corredor torna-se espaço de confronto com passado, presente e versões de si mesmas que ambas já não conseguem sustentar. A montagem mistura humor com crítica social, explorando tensões de uma geração de mulheres em torno dos 30 e poucos anos. Casamento, maternidade, solidão, luto, perdas e a relação com o próprio corpo são temas que emergem do diálogo entre elas, mulheres privilegiadas, cujos conflitos existenciais são moldados pelo contexto social em que estão inseridas.

Pedro Gomes explica a origem do trabalho. “O texto nasce de uma inquietação minha e sinto que também da minha geração. Acredito que a gente vem perdendo a conexão com o outro, que é fundamental para não ficarmos perdidos em nossas próprias projeções. A Fernanda e a Raquel precisam uma da outra nesse corredor. Elas enxergam na outra aquilo que falta nelas mesmas.” O dramaturgo já havia publicado “O Pito Aceso”, obra que analisa o papel dos intelectuais e da cultura no processo de transformação política e social do país.

Ana Cordeiro vive Fernanda. Formada em Artes Cênicas, trabalhou como assistente de direção com Domingos de Oliveira durante dois anos e participou da longa “Aconteceu numa Quarta-Feira” (2018), também dirigido por Oliveira. Integrou o elenco da minissérie “Todas as Mulheres do Mundo”, de Jorge Furtado. “A Fernanda é uma mulher que não percebeu a vida passando. Vejo nela um esforço muito grande para se libertar das amarras nas quais ficou presa, com a ajuda da Raquel. Acho que muita gente já viveu ou vai viver momentos de questiona-



Ana Cordeiro e Tamie Panet dividem a cena em ‘Edifício Vertigem’, texto do gaúcho Pedro Gomes

“Acredito que a gente vem perdendo a conexão com o outro, que é fundamental para não ficarmos perdidos em nossas próprias projeções. Elas enxergam na outra aquilo que falta nelas mesmas”

PEDRO GOMES

mento, e a arte tem esse papel muito importante de iluminar pontos cegos das nossas vidas”, comenta, ao falar de sua personagem.

Tamie Panet interpreta Raquel. Formada pela UNIRIO, atualmente integra o elenco da novela “A Nobreza do Amor” (Globo), onde vive Jamila. Participou de outras produções televisivas, como as novelas “Três Graças” e “Dona de Mim”, além da série “Vermelho Sangue”. “Sinto que Raquel e Fernanda têm os seus privilégios e as suas dificuldades, e que o encontro das duas serve muito como espelho para ambas. São personagens muito interessantes, muito contraditórias. Muitas vezes não percebemos, mas a vida sempre nos apresenta pessoas que nos mostram o que está bem na nossa frente”, avalia a atriz.

Lara Coutinho assina a direção e, em parceria com Ana Elisa Schumacher, a direção de arte. Coutinho já trabalhou em projetos como “Homem com H” (Netflix), “Um Contra Todos” (Globoplay), “DOM” (Prime Video) e atualmente trabalha em longa sobre a biografia de Zeca Pagodinho, “Deixa a Vida me Levantar”. “As personagens falam de questões fixadas em muitas de nós. Penso na encenação como uma balança entre o humor e o desconforto, o controle e o desequilíbrio. O público percorre esse corredor concreto, mas preenchido pelo encontro do inconsciente das duas personagens”, explica a encenadora.

A montagem, continua Lara, aponta para uma leitura crítica do tempo presente. “Para além do encontro profundo entre as duas, também adentramos a bolha à que elas pertencem e na qual habitam, enquanto o mundo continua acontecendo ao redor. A ideia é que a cena seja entrecortada por presenças que não fazem parte desta bolha — elementos que não foram convidados e nem ao menos reconhecidos, como os sons do mundo exterior. O barulho interior é tão alto que suprime a voz do coletivo”, destaca a diretora.

SERVIÇO

EDIFÍCIO VERTIGEM

Espaço Rogério Cardoso
(Casa de Cultura Laura Alvim - Avenida Vieira Souto, 176, Ipanema)
Até 31/5, às sextas e sábados (19h) e domingos (18h)
Ingressos: R\$ 60 e R\$ 30 (meia)

Realizado sempre em agosto na Suíça, o Festival de Locarno vai conferir a Darren Aronofsky o troféu honorário, Pardo d'Oro, consagrando a estética do excesso do diretor de 'Cisne Negro'

RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

Cannes vai abrir sua 79ª edição na próxima terça-feira, com "La Vénus Électrique", comédia de Pierre Salvadori, agitando o circuito anual dos festivais de cinema, que já se movimentam para obter atenção. Veneza, que só rola lá em setembro de 2 a 12 do mês nove, já anunciou quem vai presidir o júri do Leão de Ouro: a atriz e diretora Maggie Gyllenhaal. Há dois dias, foi a vez de Locarno, evento cinéfilo de maior relevo da Suíça (e um dos mais prestigiados do mundo, há quase oitenta anos), antecipar a escolha de seu homenageado de 2026: o realizador americano Darren Aronofsky.

Envolvido na direção de "Breaththrough", com Dwayne Johnson, o cineasta de 57 anos costuma ser mais lembrado pelo sucesso de bilheteria "Cisne Negro" (2010), cujo orçamento não passou de US\$ 13 milhões, mas compensou-se com uma receita de US\$ 330 milhões. No entanto, para além desse feito, ele foi produtor do único longa-metragem que deu ao Brasil a Concha de Ouro do Festival de San Sebastián: "Pacificado" (2019), hoje na Disney+.

Desde a década de 1990, quando lançou "Pi" (1998), Aronofsky carrega a pecha de visionário... e sempre fez jus a ela. Ganhou um Leão de Ouro merecidíssimo em 2008, com "The Wrestler – O Lutador", com arrancou de Mickey Rourke a atuação de uma vida. O diretor receberá seu Leopardo Honorário de Locarno no dia 14 de agosto, na Piazza Grande (a praça da cidade). Vai apresentar, na programação, duas de suas criações mais ousadas "Fonte da Vida" (2006) e "Mãe!" (2017). Seu longa



O cineasta Darren Aronofsky costuma ser mais lembrado pelo sucesso de 'Cisne Negro', de 2010

Um Leopardo que acerta o valor de 'Pi'



Pamela Hart e Sean Gullette em 'Pi', que fez a fama do cineasta 1998



A Piazza Grande de Locarno vai projetar 'Mãe!' (2017) em tributo Aronofsky

mais recente, "Ladrões" (2025), está na HBO Max e na Prime Video.

"Minhas histórias falam de pessoas solitárias em volta de uma sina", disse Aronofsky ao Correio, ao lançar "Pacificado", na Espanha,

ao lado de seu realizador, Paxton Winters.

Recentemente, num Zoom com o Correio da Manhã, quando "Ladrões" estava nascendo, ele definiu seu estilo: "Eu sou um realizador de filmes de baixo orçamento

“Eu sou um realizador de filmes de baixo orçamento nos Estados Unidos. Um realizador que escolheu falar sobre os demônios internos das suas personagens, fascinado por figuras que me capturam por sua profundidade”

DARREN ARONOFSKY

nos Estados Unidos. Um realizador que escolheu falar sobre os demônios internos das suas personagens, fascinado por figuras que me capturam por sua profundidade. Por meio da engenharia sonora do meu cinema, eu me conecto com a

plateia a partir do aspeto mais sensorial da imagem”.

Com filmes marcantes como "Réquiem por um Sonho" (2000) e "Noé" (2014), Aronofsky levou Brendan Fraser ao Oscar em "A Baleia" (2022). Há mais de um quarto de século, sua obra explora os limites extremos da fé, do desejo e da obsessão, numa estética do excesso, na qual suas personagens sempre transbordam fronteiras racionais.

Austin Butler (de "Elvis") é o astro de "Ladrões". Nevralgia, a produção conta a saga de um craque de beisebol, Hank, que parou de jogar depois de uma tragédia e tenta se livrar do chamado do álcool. Beber é sua ruína. Só que uma ruína ainda mais funda e perigosa o aguarda depois que um vizinho punk, Russ (Matt Smith), abre as portas da encrenca para ele, ao abandoná-lo com uma chave que pode ser o passaporte para uma fortuna, das mais ilegais. Ele tem uma namorada apaixonada (Zoe Kravitz), que é profissional de saúde e vai dar um trato em seus machucados depois que dois bandidos eslavos quebram sua cara. Tem uma policial de índole indomável em seu encalço (papel de Regina King) e dois mafiosos judeus ortodoxos, interpretados por Vincent D'Onofrio e Liev Schreiber nas raiais do humor.

Titular da direção artística de Locarno desde 2020, o crítico suíço Giona A. Nazzaro justifica sua escolha definindo Aronofsky como um "autor que fez da força pura da criatividade, da invenção e da audácia sua marca registrada". Segundo Giona, esse artista audaz "nunca deixou de desafiar convenções e expectativas, nem tentou simplesmente agradar ao público ou à indústria". Desde os anos 2000, o adjetivo "aronofskiano" virou moda. "Esse termo é usado para caracterizar um estilo profundamente pessoal e não convencional que, no entanto, transita livremente entre diferentes gêneros e abordagens – no seu caso específico, ancorado nos temas e obsessões que ele explorou incansavelmente: fé, maternidade, os conflitos com figuras paternas autoritárias e desafios inerentes à criação de sociedades", define Giona A. Nazzaro. "Aronofsky personifica o prazer do cinema como risco e desafio constante".

O Pardo d'Onore é viabilizado, desde 2017, graças ao apoio da Manor, Parceira de Eventos do Festival de Cinema de Locarno. Ao longo dos anos, a láurea foi concedida a algumas das personalidades mais notáveis do cinema. Entre os vencedores anteriores estão Ken Loach, Terry Gilliam, Alexander Sokurov, Jia Zhang-ke, Leos Carax, Werner Herzog, Kelly Reichardt, Harmony Korine, Jane Campion e Alexander Payne.

Em julho, Giona vai anunciar os concorrentes de Locarno. A última vitória de peso do Brasil por lá ocorreu em 2022, quando "Regra 34", de Julia Murat, conquistou o Leopardo de Ouro.

Fatality à vista

Sequência de 'Mortal Kombat', com o festejado Karl Urban, estreia nesta quinta para ampliar o apelo de longas derivados de videogames num circuito dominado por 'Super Mario Galaxy'

RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

Desde sua chegada aos fliperamas e consoles domésticos, em 1992, sob a criação de Ed Boone e John Tobias, a grife de games "Mortal Kombat" vendeu 100 milhões de cópias, ao redor de seus 32 diferentes títulos, aos quais se somam HQs, animações e filmes live action de sucesso similar. Diante desses números e da forma rara como esse MMA com toques fantásticos (e licença para matar) contagia gerações há três décadas, é difícil acreditar que o longa-metragem baseado nesse passatempo eletrônico, marcado para estreiar nesta quinta-feira, possa flocar na venda de ingressos.

Seu torneio mortífero, embalado pelo pleito "Fatality!" (golpe brutal de suposta misericórdia), ganhou os cinemas pela primeira vez em 1995, numa adaptação que custou duas mariolas para os cálculos hollywoodianos (US\$ 20 milhões) e faturou firme (US\$ 122 milhões). Em 2021, o cineasta e produtor James Wan, Midas do terro, responsável pela franquia "Invocação do Mal" (2013-2025), resolveu retomar os personagens de Boone e Tobias numa roupagem mais febril. A pandemia atropelou seus planos de lotar salas, faturando só US\$ 84 milhões, mas a covid-19 não impediu que essa retomada mobilizasse audiências nos streamings e na TV.

Daí a necessidade de uma sequência, que ganha o reforço de um astro: Karl Urban, o Billy Bruto da série da Prime Video "The Boys". Coube a ele interpretar Johnny Cage, o arremedo de Van Damme que se transforma em herói. E essa



Karl Urban esbanja carisma no papel de Johnny Cage, um Van Damme de araque

CRÍTICA FILME | MORTAL KOMBAT 2

Sob as sombras de James Wan

Depois da saga "John Wick" (2014-2025), fazer filmes de ação virou um desafio plástico, técnico e estético que poucos cineastas conseguiram transpor, a julgar pela piada que foi o último veio da cinesérie "Missão: Impossível", lançada em Cannes, no ano passado. Já o terror... ajudado por um torvelinho de catástrofes ao redor do mundo... esse gênero viceja, a julgar pelos Oscars dados a "Pecadores" e "A Hora do Mal". Não se estranha, portanto, a necessidade de sinergia das narrativas de pancada – resilientes graças aos esforços contínuos de Keanu Reeves, Jason Statham e Liam Neeson –, expressa na busca por uma ajudinha de um pilar do assombro.

transformação, agora, ocorre em fase de apogeu para os games na telona.

Desde o feriadão da Páscoa, filme algum faturou mais do que a animação "Super Mario Galaxy: O Filme". Sua arrecadação na venda de ingressos beirou US\$ 900 milhões no domingo passado e suas sessões seguem abarrotadas. A produção anterior baseada nas peripécias do

bombeiro hidráulico Mario e de seu irmão, Luigi, somou US\$ 1,3 bilhão ao longo de uma vasta carreira no circuito global de multiplexes. Ajudou a demarcar uma mudança de paradigma em que títulos que nascem de games andam resultando melhor do que as adaptações de HQs de vigilantes mascarados.

A maré virou em prol das produções inspiradas em jogos, sobre-

Há 21 anos, "Jogos Mortais" fez James Wan ser marca registrada de excelência na seara do calafrio. O êxito de "Invocação do Mal", sobretudo o II, de 2016, com A Freira, consolidou a infalibilidade de suas criações – inclua a boneca Annabelle entre elas. Em 2018, num convite da DC, fez um longa do Aquaman, com Jason Momoa, que bateu US\$ 1,1 bilhão, treinando-o nas manhas das tramas de embates corpo a corpo.

O conhecimento (gigantesco) dele sobre as dinâmicas das trevas ajudam, um bocado, a nova versão de "Mortal Kombat" a parecer tão sombria quanto o jogo original – e seus derivados. Simon McQuoid, que assina a direção da parte dois, hoje em cartaz, constrói os enquadramen-

tos sob os auspícios de Wan, encontrando afinação plena com os meandros cinemáticos (de excelência) na pancada impostos pós J.Wick.

Numa montagem efervescente, das mais taquicárdicas, a trama de "Mortal Kombat 2" segue o torneio que se estabelece em meios aos planos do ditador Shao Kahn (Martyn Ford) para usar um medalhão mágico a fim de expandir seus poderes e dominar a Terra. A fim de detê-lo, uma claqué de guerreiros liderados pelo deus dos relâmpagos Raiden (Tadanobu Asano) convoca um ator fracassado, Johnny Cage (o poço de carisma Karl Urban), para ajuda-los. A ajuda gera sequências divertidas, num clima noventista nostálgico. (R. F.)

tudo depois de "Minecraft, O Filme" (2025) ter faturado quase US\$ 1 bilhão, impulsionada pelo carisma do ator Jack Black.

No dia 15 de outubro deste ano, uma versão em carne e osso do fliperama "Street Fighter", filmada por Kitao Sakurai (da série Twisted Metal), com as personagens que confinaram gerações de nerds aos joysticks, promete lotar circuitos.

Não restam dúvidas de que, diante da demanda de Hollywood, um "Minecraft II" já está no forno. Em 2027 estreia um quarto capítulo da saga "Sonic" (2020-2024), com Keanu Reeves em seu elenco de vozes. Esse pacote videogame que está por vir há de se estender com "Ghost of Tsushima", um épico de Chad Stahelski, o realizador da milionária franquia John Wick.

SÓ CARIOQUICES

por FRED SOARES (@FREDAOSOARES)



Divulgação

Getúlio Marinho é tema de mural na cidade que o adotou

Justiça a Getúlio, o baiano que ajudou a moldar o Rio

NÃO TEM MUITO JEITO: de vez em quando o assunto volta, bate à porta e se reinstala - o carnaval, esse velho conhecido que, no fundo, é só outro nome para a própria história do Rio. E foi assim que, na semana passada, a União da Ilha do Governador anunciou seu enredo para 2027 e puxou um fio que merece ser seguido com calma: a vida de Getúlio Marinho da Silva, popularmente conhecido como Amor.

MAS, AFINAL, QUEM FOI GETÚLIO? A resposta não cabe em uma linha - nem deveria. Baiano, nascido no dia da Proclamação da República, veio menino pro Rio e, nos anos 30, virou um desses sujeitos que parecem viver várias vidas ao mesmo tempo: compositor, mestre-sala, fomentador dos ranchos carnavalescos, dirigente. Um multiartista num tempo em que a palavra ainda nem estava na moda. Só isso já bastaria para garantir seu lugar na memória da cidade. Mas Getúlio foi além.

NUM BRASIL AINDA MARCADO por forte intolerância religiosa, ele teve a ousadia de levar para os discos um universo que, até então, vivia à margem: a macumba. Ao lado de Mano Elói - que mais tarde ajudaria a fundar o Império Serrano -, Getúlio rompeu resistências e abriu caminho para que aqueles sons, aqueles ritos e aquela estética atravessassem o filtro da indústria fonográfica.

NÃO ERA POUCA COISA. Era, na prática, dar voz pública a uma expressão cultural historicamente silenciada.

E ESSE GESTO TEVE DESDOBRAMENTOS. Esse movimento ajudou não só a popularizar práticas religiosas como também, como diz o historiador Luiz Antônio Simas, a moldar a própria identidade da macumba carioca - em especial a chamada umbanda omolocô, profundamente enraizada na experiência urbana do Rio. Em outras palavras, Getúlio não apenas registrou um som: ele ajudou a consolidar uma cultura.

SUA TRAJETÓRIA AINDA PASSA PELOS RANCHOS - que, antes da consolidação das escolas de samba, eram protagonistas da festa - e segue até a organização institucional do carnaval. Getúlio esteve entre os fundadores da primeira entidade que buscou estruturar os desfiles - a União das Escolas de Samba -, num tempo em que tudo ainda era construção, tentativa, improvisado. O carnaval que a gente conhece hoje deve muito a esse tipo de gente.

E HÁ, NESSA HISTÓRIA TODA, UM DETALHE que toca o coração deste colunista: o enredo da Ilha se apoia no livro da historiadora Fernanda Soares - que, com orgulho, é da minha família. É minha prima.

VER ESSE TRABALHO GANHAR A AVENIDA, ganhar o brilho da Marquês de Sapucaí e alcançar o Brasil inteiro é mais do que uma homenagem: é uma espécie de reencontro. Ainda mais quando lembro que nossas raízes também passam pela Ilha do Governador, como se o tempo tivesse dado um jeito de amarrar tudo.

NO FIM DAS CONTAS, O DESFILE DE 2027 não é só sobre lembrar Getúlio Marinho. É sobre corrigir um silêncio. Num período em que tantos nomes explodiram em talento e ficaram marcados, o dele acabou meio encoberto. Resgatar sua história - seja pelas páginas de um livro, como fez Fernanda, seja pelo espetáculo da avenida - é devolver ao Rio um pedaço de si mesmo.

E ISSO, CONVENHAMOS, TAMBÉM É CARNAVAL. É quando o carnaval faz justiça à sua gente.



Acervo pessoal Luiz Meira

Gal Costa e Luiz Meira, guitarrista da sua banda por 19 anos, no show que a dupla realizou dentro do projeto 'Vozes do Brasil'

Gal e um violão. Para que mais?

Versão intimista de 'Mulher Eu Sei', de Chico César, antecipa lançamento do aguardado álbum ao vivo póstumo da cantora

AFFONSO NUNES

Nunca é demais ter saudades de Gal Costa (1945-2022). Um dos lançamentos musicais mais aguardados do ano, o álbum "Gal Costa - Ao Vivo no Teatro Castro Alves" terá mais um single revelado nesta sexta-feira (8). Trata-se de uma releitura de "Mulher Eu Sei". O registro permanecia inédito comercialmente e foi captado em 22 de maio de 2003, durante apresentação de Gal no projeto "Vozes do Brasil", em Salvador. O processo de revelação das canções do álbum teve início no último dia 17, quando foi lançado um single triplo contendo "Eu Vim da Bahia" (Gilberto Gil), "Azul" (Djavan) e "Força Estranha" (Caetano Veloso).

Maria da Graça Costa Penna Burgos, ou simplesmente Gal, se tornou uma das vozes mais rele-

vantes da música popular brasileira. Sua carreira começou na década de 1960, quando a música brasileira vivia um momento de efervescência criativa. Gal iniciou seus estudos musicais cedo e rapidamente se inseriu no circuito artístico pelo qual transitavam Caetano Veloso, Gilberto Gil e Tom Zé — encontro que a levaria a ser um dos expoentes do movimento tropicalista. Participou do álbum "Domingo" (1967) ao lado de Caetano, e lançou seu primeiro disco solo em 1969. Na contramão de muitos intérpretes de sua geração, Gal não se prendia a gêneros ou estilos musicais. Com sua voz potente e versátil, cantou bossa nova, samba, rock, música nordestina e blues, sempre com uma capacidade singular de reinventar as canções que interpretava. A Rolling Stone a descreveu como "a vocalista feminina mais transcendente da era pós-bossa".

Nos anos 1970 e 1980, conheceu o topo da MPB. Gravou

dezenas de discos, participou de trilhas sonoras de filmes e novelas, e conquistou uma base de fãs do tamanho do Brasil. Escolhia criteriosamente seu repertório, recorria a compositores da grandeza de Tom Jobim, Vinícius de Moraes, Caetano Veloso, Chico Buarque e Ary Barroso. Mas, generosa, Gal também se abria para artistas contemporâneos e novos compositores.

Interação com público

Neste show de 2003, acompanhada apenas pelo violão de Luiz Meira, Gal apresentou um espetáculo acústico que mesclava clássicos da música brasileira com canções de compositores como Chico César (autor de "Mulher Eu Sei"), Vander Lee, Arnaldo Antunes e Alice Ruiz. A voz cristalina de Gal brilhava em sintonia com o violonista. O registro captou também a interação com a plateia, como na saudação inicial no início do show e no momento divertidíssimo em que a cantora coloca a parte masculina da plateia para cantar o refrão de "Mulher Eu Sei" ("Eu sei como pisar no coração de uma mulher / Já fui mulher, eu sei / Já fui mulher, eu sei").

Caetano é o compositor da maioria das canções do repertório daquele show, entre elas "Tigresa", "London London", "Minha Voz, Minha Vida" e "Coraçãozinho". Clássicos como "Camisa Amarela" (Ary Barroso), "Chega de Saudade" (Tom Jobim e Vinícius de Moraes), "Vapor Barato" (Jards Macalé e Waly Salomão) e "Olha" (Roberto Carlos e Erasmo Carlos) também ganharam versões acústicas para o projeto, que passou por várias cidades.

Após duas décadas de preservação, o registro passou por tratamento técnico capitaneado pelo produtor musical Marco Mazzola. O lançamento é fruto da parceria das gravadoras MZA Music e Biscoito Fino, e representa mais uma iniciativa de curadoria e preservação do acervo de Gal Costa. O álbum completo chega às plataformas digitais no fim do mês.

AFFONSO NUNES

Um abraço duplo no João

Fred Martins e Jaques Morelenbaum levam ao palco do Dolores show em homenagem ao repertório de um dos pais da bossa nova

Fred Martins e Jaques Morelenbaum unem seus talentos para homenagear João Gilberto no Dolores Club, na Lapa, nesta quinta-feira (7), às 20h30. A apresentação integra a programação especial de quatro anos da casa de shows. O repertório reúne clássicos de Tom Jobim, Vinicius de Moraes, Chico Buarque, Carlos Lyra, Dorival Caymmi, Ary Barroso e Geraldo Pereira — compositores cujas obras ganharam interpretações célebres na voz e no violão do músico que criou a batida da bossa nova como “Chega de Saudade”, “Desafinado”, “A Felicidade”, “Retrato em Branco e Preto” e “Doralice”. A dupla também apresentará composições de Fred que bebem da fonte bossanovista.

Desde 2019, quando o projeto com Morelenbaum começou em Lisboa, a dupla realizou inúmeros concertos em Itália, Portugal, Áustria, Polónia e Cabo Verde. “Neste concerto, iremos mostrar várias das canções que me fizeram abraçar a música como principal forma de expressão e, conseqüentemente, como profissão. Elas traduzem muito do que mais amamos na cultura popular do Brasil”, explica Fred Martins.

Cantor, compositor e violonista, o niteroiense Fred venceu o Prêmio Visa de Música Brasileira na 9ª edição, reconhecimento que incluiu unanimidade do júri e voto popular.



Tiago Sousa/Divulgação

Fred Martins e Jaques Morelenbaum se apresentam em dupla com este repertório desde 2019

Lançou oito álbuns e suas composições foram gravadas por Adriana Calcanhoto, Ney Matogrosso, Maria Rita, Zélia Duncan, MPB4 e Renato Braz. Participou de trilhas sonoras de novelas e séries da Globo. Em 2022, lançou “Ultramarino”, álbum de canções compostas durante sua estadia em Portugal e Espanha. Recentemente, lançou “Barbarizando Geral” (Biscoito Fino), álbum de sambas autorais em dueto com o percussionista Marcos Suzano.

Violoncelista, arranjador e compositor, Morelenbaum é um dos mais consagrados instrumentistas brasileiros. Nomeado ao Latin Grammy Award em 2008 (Best Alternative Music Album), 2001 (Best MPB Album) e 2000 (Album of the Year), participou de quase 600 álbuns. Integrou a Nova Banda de Tom Jobim durante 10 anos e colaborou com Caetano Veloso, Gal Costa, Chico Buarque, Gilberto Gil, Marisa Monte, Milton Nascimento e Maria Bethânia. Trabalhou também com artistas internacionais como Sting, Ryuichi Sakamoto, Dulce Pontes, Cesária Évora, David Byrne e Mariza. É referência mundial pela introdução do violoncelo na música popular moderna.

SERVIÇO
FRED MARTINS & JAQUES MORELENBAUM
 Dolores Club (Rua do Lavradio, 10 — Lapa)
 7/5, às 20h30
 Ingressos: R\$ 100 e R\$ 50 (meia)

ROTEIRO MUSICAL

POR **AFFONSO NUNES**

O futurismo de Fausto Fawcett no BNDES

Fausto Fawcett apresenta seu novo espetáculo “Anima-kina” no Espaço Cultural do BNDES nesta quinta-feira (7), às 19h. O multiartista mistura spoken word, música e artes visuais em performance de estética futurista, combinando clássicos como “Kátia Flávia” e criações recentes. Fawcett propõe uma experiência imersiva que combina projeções, narrativa fragmentada e sonoridades eletrônicas. Grátis.



Vinicius Giffoni/Divulgação

Tangolo Mangos mostra seu novo disco

A banda baiana Tangolo Mangos retorna ao Rio para apresentação na Audio Rebel nesta quinta-feira (7), às 19h, marcando o lançamento de seu novo álbum, “Pedagogos Y Carnas”. O grupo, formado em 2017, apresentará o disco na íntegra durante o show, antes do lançamento nas plataformas digitais. A apresentação inclui surpresas para o público.



Divulgação

Conexões musicais entre Brasil e Portugal

O duo formado por Graça Reis (voz) e Eduardo Jordão (piano) apresenta nesta quinta-feira (7), às 19h, na Casa Museu Eva Klabin, recital explorando vínculos musicais entre Brasil e Portugal. O concerto reúne interpretações de diferentes períodos, destacando a língua portuguesa como elemento de conexão artística entre tradições que dialogam muito além do próprio tempo.



Divulgação

Um mergulho na visceralidade de Elis Regina

Em seu projeto “Alma de Artista”, Yumi Park mergulha nesta quinta (7), às 20h, no universo de Elis Regina, celebrando não apenas o repertório da maior intérprete do Brasil, mas também a estética sofisticada da Bossa Nova e do Samba-Jazz. Para dar vida a esse tributo, a sul-coreana sobe ao palco acompanhada por um trio de instrumentistas formado por Alexandre Berreldi, Pablo Barroso e Xande Figueiredo.



Divulgação

Enfim, O MIS

Divulgação SECECRJ

Novo prédio do Museu da Imagem e do Som, em Copacabana, abre ao público após 15 anos de atrasos, paralisações e aumento de custos da obra

AFFONSO NUNES

O Museu da Imagem e do Som de Copacabana abre ao público nesta sexta-feira, 8 de maio, com a exposição temporária “Arquitetura em Cena – o MIS Copacabana antes da Imagem e do Som”. O equipamento, localizado na Avenida Atlântica, é uma das obras mais longas e controversas da história recente carioca: 15 anos de construção, com paralisações entre 2016 e 2021, atrasos sucessivos e investimento que ultrapassou R\$ 180 milhões. Não só pela imponência do prédio, mas por seu longuíssimo período de construção e elevados custos, eis o que pode ser chamado de obra faraônica.

A obra começou em 2011, com previsão de conclusão no ano seguinte. Ao longo dos anos, enfrentou rescisões de contratos, interrupções de financiamento e mudanças administrativas. Recentemente, moradores de Copacabana chegaram a apelidar ironicamente o canteiro de obras com o título do filme vencedor do Oscar em 2025: “Ainda estou aqui”. A abertura inicial estava marcada para março deste ano, mas foi adiada novamente. Agora, em maio, o museu funciona em regime de visitação restrita, com a exposição temporária que, curiosamente, documenta os bastidores e as etapas da própria construção do edifício, uma obra que permaneceu como símbolo de ineficiência administrativa por mais de uma década, com entulhos ainda presentes nas calçadas adjacentes e questões de segurança levantadas por moradores do bairro.

O projeto arquitetônico do MIS Copacabana é assinado pelo escritório americano Diller Scofidio + Renfro, em parceria



Após sucessivas paralisações em sua obra, o Museu da Imagem e do Som (MIS), em Copacabana, abre para visitas



O riquíssimo acervo do MIS passa pela história da cultura brasileira; à direita, maquete do projeto do prédio faz parte da primeira exposição do espaço, que narra a longa trajetória de construção do museu, que deveria ser originalmente inaugurado há 14 anos



com o escritório de arquitetura e urbanismo brasileiro Índio da Costa AUDT. O novo prédio do MIS foi idealizado pelo Governo do Estado, através das secretarias da Casa Civil, de Cultura e de Infraestrutura e Obras Públicas, em parceria com a Fundação Roberto Marinho. O edifício foi concebido como um “boulevard vertical”, propondo um percurso pela cultura brasileira através de experiências audiovisuais e interativas. Ao ser finalizado, contará com salas de exposição de curta e longa duração, áreas de pesquisa,

salas educativas, cine-teatro, auditório com 280 lugares, loja, cafeteria, restaurante panorâmico, boate e mirante.

A exposição “Arquitetura em Cena” revela o processo, os bastidores e as etapas que levaram à criação do edifício, incluindo sua história de sucessivos atrasos. Visitantes poderão conferir a mostra aos sábados e domingos, mediante retirada prévia de ingressos pela plataforma Sympla. Excepcionalmente nesta primeira semana, devido ao Dia das Mães, as sessões acontecem na sexta-feira, às 14h, e

no sábado, às 10h e 14h.

Para Danielle Barros, secretária de Estado de Cultura e Economia Criativa (SECECRJ), a abertura do MIS Copacabana é “um momento muito simbólico para a cultura do nosso estado”. “O MIS Copacabana já passa a fazer parte da rotina da população, pulsando arte, memória e inovação”.

De acordo com a SECECRJ, o museu será uma espécie de fábrica de memória, dedicada a registrar as expressões contemporâneas que definem o Rio de Janeiro atual — da potência do funk e suas ver-

tentes à renovação do samba, passando pela cultura digital e pela estética carioca contemporânea.

SERVIÇO

ARQUITETURA EM CENA”

MIS (Avenida Atlântica, nº 3432 — Copacabana)
8/5, às 14h, e 9/5, às 10h e 14h | Horários Regulares: sábados e domingos (a partir de 16/5)
Grátis, com retirada de ingressos* na plataforma Sympla

*Limite de até 2 ingressos por pessoa